

DO OCIDENTE PARA O ORIENTE: A GEOECONOMIA E AS RELAÇÕES COMERCIAIS DE MATO GROSSO DO SUL-BRASIL (1997-2024)

Umberto de Andrade Filho¹

Fernando Rodrigo Farias²

1

Resumo: Este artigo analisa a reconfiguração geoeconômica das relações comerciais do estado de Mato Grosso do Sul durante o primeiro quarto do século XXI, destacando a transição do eixo dinâmico do comércio internacional do Ocidente para a China. Com base em dados empíricos da balança comercial (COMEX/STAT), o estudo demonstra que a China, além de se consolidar como principal destino das exportações de *commodities* do estado, vem assumindo também um papel importante no fornecimento de insumos estratégicos e bens de maior valor agregado. A análise do perfil das importações revela a substituição progressiva de fornecedores tradicionais (como EUA e Alemanha) pela China, refletindo as profundas transformações na economia global e a ascensão chinesa à vanguarda tecnológica. Conclui-se que essa dinâmica redefine a estrutura produtiva sul-mato-grossense, impondo novas exigências às suas cadeias produtivas locais.

Palavras-chave: Geoeconomia; Mato Grosso do Sul; Comércio exterior; Reconfiguração comercial; Brasil-China.

FROM WEST TO EAST: THE GEOECONOMICS AND TRADE RELATIONS OF MATO GROSSO DO SUL - BRAZIL (1997-2024)

Abstract. This article analyzes the geoeconomic reconfiguration of trade relations in the state of Mato Grosso do Sul during the first quarter of the 21st century, highlighting the transition of the dynamic axis of international trade from the West to China. Based on empirical data from the trade balance (COMEX/STAT), the study demonstrates that China, in addition to consolidating

¹Doutorando em Geografia na Universidade Federal da Grande Dourados, Bolsita CAPES/DS, Email: umbertoandrade008@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6844-7536>.

²Professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, E-mail: fernando.rodrico@ufms.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6426-8987>.

itself as the main destination for the state's commodity exports, has also been assuming an important role in the supply of strategic inputs and higher value-added goods. An analysis of the import profile reveals the progressive replacement of traditional suppliers (such as the US and Germany) by China, reflecting the profound changes in the global economy and China's rise to technological leadership. It is concluded that this dynamic is redefining the productive structure of Mato Grosso do Sul, imposing new demands on its local production chains.

Keywords: Geoeconomics; Mato Grosso do Sul; Foreign trade; Trade reconfiguration; Brazil-China.

DE OCCIDENTE A ORIENTE: LA GEOECONOMÍA Y LAS RELACIONES COMERCIALES DE MATO GROSSO DO SUL - BRASIL (1997-2024)

Resumen: Este artículo analiza la reconfiguración geoeconómica de las relaciones comerciales del estado de Mato Grosso do Sul durante el primer cuarto del siglo XXI, destacando la transición del eje dinámico del comercio internacional de Occidente a China. Basándose en datos empíricos de la balanza comercial (COMEX/STAT), el estudio demuestra que China, además de consolidarse como principal destino de las exportaciones de materias primas del estado, también está asumiendo un papel importante en el suministro de insumos estratégicos y bienes de mayor valor añadido. El análisis del perfil de las importaciones revela la sustitución progresiva de los proveedores tradicionales (como Estados Unidos y Alemania) por China, lo que refleja las profundas transformaciones de la economía mundial y el ascenso de China a la vanguardia tecnológica. Se concluye que esta dinámica redefine la estructura productiva de Mato Grosso do Sul, imponiendo nuevas exigencias a sus cadenas productivas locales.

Palabras clave: Geoeconomía; Mato Grosso do Sul; Comercio exterior; Reconfiguración comercial; Brasil-China.

Introdução

O desenvolvimento histórico da sociedade, tanto no passado quanto no período contemporâneo, sempre foi marcado por profundas interconexões entre as dinâmicas geoeconômicas e os arranjos comerciais globais, com variações de escala de

acordo com o período analisado. O termo geoeconomia, conforme afirma Baumann (2025), não possui uma conceituação consensual no meio acadêmico, podendo ser compreendido como a “racionalidade da geopolítica”, conceito que posteriormente passou a ser definido como geoeconomia. Essa evolução conceitual revela um mundo com diferentes configurações, no qual a estratégia de expansão territorial baseada no uso da força militar — típica do poder geopolítico e predominante no mundo ocidental até meados do século XX — cedeu, de forma relativa ou parcial, espaço a estratégias que utilizam mecanismos de natureza econômica. Entre esses mecanismos destacam-se as políticas anticíclicas de desenvolvimento e os investimentos estratégicos de longo prazo, os quais, posteriormente, geram poder geopolítico quando determinada nação alcança resultados econômicos e financeiros que ampliam seu poder de barganha frente a outras nações.

Baumann (2025) apresenta ainda uma revisão bibliográfica que discute a conceituação do termo geoeconomia, entendida como um conceito adequado para analisar simultaneamente as dinâmicas econômicas e políticas. Nesse sentido, os ganhos econômicos assumem caráter estratégico para a obtenção de ganhos geopolíticos. Contudo, embora as estratégias das nações hegemônicas tenham se modificado nas últimas décadas, com avanços em estratégias de cunho estrutural, tecnológico e de mercado, ainda é preciso considerar as tradicionais estratégias geopolíticas de conquista territorial por meio da força bélica, voltadas à apropriação de riquezas naturais como petróleo, minerais e terras raras, permanecem presentes no escopo de atuação das grandes potências.

É importante recapitular o movimento geral da historiografia das nações que revela uma dinâmica cíclica marcada pela sucessão de diferentes protagonistas: Portugal e Espanha nos séculos XV e XVI; a Inglaterra nos séculos XVIII e XIX; os Estados Unidos e a Alemanha no século XX; e, no século XXI, o aumento do nível de protagonismo do Ocidente. No período contemporâneo o destaque vem sendo a ascensão da China como uma potência comercial e tecnológica em escala mundial. Essa dinâmica reflete mudanças significativas nas relações econômicas internacionais e nos fluxos comerciais de diversas nações, incluindo o Brasil.

Nas últimas décadas, a China consolidou-se não apenas como um dos principais parceiros comerciais do Brasil, mas também como um ator central na conformação das estratégias econômicas e políticas de diversas nações em escala global. Para Baumann (2025), o poder geoeconômico de um país é maior quando há “poder econômico” e a presença de setores de “serviços altamente sofisticados”. Levando em consideração esses fatores, a China representa um exemplo concreto dessa lógica ao empregar estratégias geoeconômicas voltadas ao fortalecimento estrutural, produtivo, tecnológico e comercial, cujo resultado prático se converte em avanços significativos na sua participação comercial no mundo, resultando em maior poder geopolítico também.

Nesse contexto, a relação Brasil-China evidencia novos desafios e oportunidades, especialmente no que diz respeito ao uso do território brasileiro. Na ausência de um projeto nacional claro que priorize seu desenvolvimento estrutural a longo prazo, o território tende a se organizar predominantemente para atender às crescentes demandas chinesas, valendo-se, sobretudo, da estrutura produtiva do agronegócio e do setor agroindustrial.

O estado de Mato Grosso do Sul constitui o recorte geográfico e objeto do presente estudo, a análise dos dados da balança comercial revela alterações significativas entre 1997 e 2024. Durante esse intervalo, o estado vivenciou importantes mudanças em suas dinâmicas de importação e exportação, refletindo a transição do centro dinâmico do comércio mundial do Ocidente para o Oriente.

A crescente importância da China nas relações comerciais de Mato Grosso do Sul torna-se evidente ao longo do período analisado. Em 1997, o estado exportou pouco mais de US\$ 7,2 milhões para o país asiático; já em 2024, esse valor atingiu aproximadamente US\$ 4,5 bilhões, indicando que, nesse ano, cerca de 45,38% das exportações estaduais tiveram a China como destino. Em relação às importações provenientes do país asiático, um dos principais focos deste estudo, observa-se que, em 1997, o estado importou apenas US\$ 633.868 (0,49%), enquanto, em 2024, esse montante atingiu a cifra de US\$ 505.134.033 (17,99%) (Comex/Sat, 2024).

Essa transformação não apenas redefine a dinâmica econômica do estado, mas também impõe novas exigências às cadeias produtivas e à infraestrutura, que passam a demandar adaptações para responder às mudanças nos fluxos comerciais.

Nesse sentido, o objetivo central da presente pesquisa é caracterizar e desenvolver uma análise empírica e analítica dos principais desdobramentos dessa nova realidade geoeconômica e de seus impactos nas relações comerciais externas do estado de Mato Grosso do Sul – Brasil, no período entre 1997 e 2024.

Para a composição do escopo estratégico do presente estudo, adota-se uma abordagem empírica analítica, fundamentada em Lakatos e Marconi (2003), que a definem como uma investigação científica baseada tanto na observação e análise empírica da realidade quanto na revisão teórica de estudos existentes sobre a temática. Nesse sentido, a pesquisa apoia-se na análise da balança comercial de Mato Grosso do Sul no período de 1997 a 2024, articulada à consulta da literatura especializada. Em nosso entendimento, utilizando esta estratégia, aumentam-se as chances de atingir o objetivo que é compreender os principais elementos da relação geoeconômica e seus desdobramentos em termos de alterações estruturais.

Para operacionalizar esta análise, a investigação priorizará o exame da pauta importadora como indicador das transformações produtivas, com ênfase na composição e origem dos insumos estratégicos que sustentam a dinâmica dos setores exportadores do estado. Esta abordagem permitirá identificar padrões de inserção comercial internacional e transformações na estrutura produtiva sul-mato-grossense.

A opção por priorizar a pauta importadora das relações comerciais tem como propósito avançar em um campo ainda pouco explorado pelas pesquisas econômicas, sobretudo quando comparado à vasta produção dedicada à pauta exportadora de grandes *commodities*, a exemplo da carne, soja e celulose.

Cabe ressaltar que essa escolha analítica permite evidenciar e articular o processo de desenvolvimento tecnológico de países como a China, que passou a integrar de forma crescente a pauta de produtos de maior grau de complexidade. Tal movimento representa uma reconfiguração estrutural das relações comerciais, uma vez que, até meados de 2005, como mostraremos posteriormente, esse segmento era

amplamente dominado por países ocidentais, como Estados Unidos e Alemanha, e que, nas últimas décadas, passou a ser progressivamente ocupado pela China.

É importante ressaltar que o aumento da participação chinesa nas relações comerciais de Mato Grosso do Sul não se trata de apenas uma coincidência ou de um fenômeno ocasional. Conforme argumenta Jabbour (2012), é a partir de 2005 que a China consolida seu projeto nacional de desenvolvimento, ancorado no fortalecimento do planejamento estatal e na internacionalização de setores estratégicos de maior complexidade tecnológica.

Portanto, a pesquisa propõe analisar para além da exportação de grandes *commodities* (fator consolidado no estado). Procura-se demonstrar que vem ocorrendo uma substituição progressiva de importações na economia sul-mato-grossense, com produtos de maior valor agregado, anteriormente dominados por países centrais do Ocidente, sendo crescentemente supridos pela China. Esta transição reflete as profundas transformações estruturais na economia chinesa, que a posicionam como competidora central na vanguarda tecnológica global.

A análise está fundamentada em dados empíricos extraídos do banco de dados do sistema oficial de estatísticas do comércio exterior brasileiro de bens (COMEX/STAT) e para análise utilizamos a descrição da Classificação Uniforme para o Comércio Internacional (CUCI), permitindo uma compreensão aprofundada das dinâmicas que moldam o comércio do estado.

Para compor a base metodológica e estratégica do presente estudo, além da base empírica mencionada, integram a estrutura teórica do artigo algumas referências centrais. Destacam-se: Lakatos e Marconi (2003), no que se refere à metodologia científica; Jabbour (2012; 2024), para a análise estrutural do desenvolvimento chinês e de sua inserção na economia global; Mamigonian (1999), no tratamento do processo histórico das revoluções industriais e do desenvolvimento econômico; Vizentini (1998), Anderson (2015), Krugman (2010) e Stiglitz (2016), cujas contribuições permitem analisar a dinâmica da economia global e a perda relativa do protagonismo ocidental, em especial dos Estados Unidos; e, por fim, Abreu (2001), Missio e Rivas (2019) e

Lamoso (2011; 2013; 2018) para compreendermos a dinâmica econômica e produtiva sul-mato-grossense.

Por meio desta abordagem, buscamos compreender as complexas relações comerciais que caracterizam o estado e como elas se inserem em um contexto global em constante evolução e reconstrução. Assim, o trabalho está dividido em três partes, além desta introdução: a primeira parte aborda considerações sobre a dinâmica da geoeconômica e seus desdobramentos no comércio mundial, onde discutimos teoricamente o tema e situamos as transformações; a segunda parte trata do balanço comercial do estado de Mato Grosso do Sul durante o início do século XXI, caracterizando empiricamente as transformações ocorridas com a inserção do estado nas Cadeias Globais de Valor (CGVs)³ e analisando o papel da Ásia, com destaque para a China, no fornecimento de bens de capital e intermediários fundamentais para o processo produtivo estadual; por fim, apresentamos as considerações finais, nas quais discutimos as principais transformações observadas durante o recorte temporal.

Considerações sobre a dinâmica da geoeconomia e seus desdobramentos no comércio mundial

A geopolítica mundial tem se mostrado um fator determinante na configuração das relações comerciais entre nações. O centro dinâmico do comércio internacional, que historicamente tem mudado conforme os ciclos econômicos e as revoluções industriais, reflete a luta pelo poder e pela influência no cenário global.

A tendência centralizadora da economia capitalista consolidou a hegemonia de algumas nações, que têm uma relação histórica com o poder industrial e financeiro global. Essas nações têm se sucedido no controle do centro dinâmico do modo de produção capitalista, influenciando e ditando as regras do jogo econômico (Lenin, 2012).

Como afirmou Mamigonian (1999), até o processo da existência das revoluções industriais, a humanidade viveu um processo mais lento no que tange ao seu desenvolvimento. As revoluções industriais vinculadas aos grandes ciclos econômicos

³ Para melhor compreensão do tema, recomendamos a leitura de (Araújo e Diegues, 2019; Ferreira e Schneider, 2015; Marcato e Oliveira, 2023).

de diferentes durações modificaram esse dinamismo. Diante desse fato, o processo histórico evidencia que as sucessivas potências que ascenderam à condição de centro dinâmico mundial tiveram sua trajetória, de modo geral, atrelada às revoluções industriais.

A trajetória histórica do capitalismo revela que, ao longo dos séculos, diferentes potências dominavam o comércio global em determinados períodos. Portugal e Espanha foram protagonistas durante o ciclo das grandes navegações, enquanto a Inglaterra se destacou na primeira revolução industrial. Com a segunda revolução industrial, a Alemanha e os Estados Unidos emergiram como líderes econômicos (Anderson, 2015). No entanto, a hegemonia dos Estados Unidos, consolidada após a Segunda Guerra Mundial, começou a enfrentar desafios significativos a partir da década de 1970 (Vizentini, 1998).

Autores como Krugman (2010) e Stiglitz (2016) identificaram problemas na condução da política econômica norte-americana que contribuíram para as primeiras ameaças à sua hegemonia. Krugman (2010) destaca o dinamismo cíclico da economia dos EUA desde as políticas do "New Deal" (governo Roosevelt) até os distúrbios econômicos a partir da década de 1970. Já Stiglitz (2016) aprofunda-se na adoção de políticas neoliberais nos EUA, cujos impactos negativos se acentuaram a partir dos governos Bush. Essas políticas aceleraram a desigualdade social interna, agravada pela crise financeira de 2008.

Essa perda gradual do protagonismo norte-americano coincidiu com a notável ascensão econômica da China, que se consolidou como a principal candidata a um novo centro econômico mundial. Autores como Krugman (2010) e Stiglitz (2010) que analisaram nas suas obras (A ideologia de um liberal - Mundo em queda livre) o histórico de desenvolvimento econômico dos Estados Unidos durante os séculos XX e XXI nos dão elementos importantes para debater alguns elementos que mostram algumas razões que expliquem a queda americana na participação nos fluxos comerciais em detrimento do crescimento da participação chinesa. Um dos pontos que ficam claros principalmente em Krugman (2010). É o fato de a maior potência mundial (EUA) ter abandonado importantes estratégias, como, por exemplo, a maior parte dos

jovens mais brilhantes foi direcionada ao setor financeiro a partir dos anos 1990 e não para setores estratégicos, o que gerou diminuição no volume de pesquisas básicas.

Stiglitz (2010) analisa os erros estratégicos dos EUA tanto nas políticas econômicas durante a crise de 2008 quanto no próprio modelo de condução da crise, o que resultou em perdas significativas para a economia e a população americana que empobreceu.

Em paralelo a isso tivemos a ascensão de novas potências, como a China, e a reconfiguração das relações entre países desenvolvidos e em desenvolvimento tem gerado um novo paradigma nas trocas comerciais. Este desenvolvimento não é apenas uma questão de números, mas envolve mudanças profundas na estrutura geoeconômica das nações (Baumann, 2025; Martins e Nonnenberg, 2025).

Segundo Jabbour (2021), a "economia de projeto" implementada pelo Estado chinês nas últimas quatro décadas através dos Planos Quinquenais foi crucial para que o país alcançasse a posição de centro dinâmico econômico mundial. Desde os anos 1990, a China soube adaptar suas empresas à ordem mercantil e financeira internacional e, internamente, transformou o mercado em um instrumento de governo, onde o Estado direciona o destino produtivo para alcançar as metas estabelecidas pelos planos econômicos de governo, inaugurando o que Jabbour (2021, p. 23) denomina "planificação compatível ao mercado".

Jabbour (2021) ressalta ainda que, embora os sistemas de planificação econômica sejam parte do mundo capitalista, no contexto chinês eles são "obrigatórios para o socialismo", visto que o socialismo é estágio superior do capitalismo fruto da superação e socialização progressiva das forças produtivas (Lenin, 2012). Os resultados são evidentes nas mudanças qualitativas na dinâmica dos grandes conglomerados empresariais estatais, visíveis em ações estratégicas como o *Made in China 2025*, a Nova Rota da Seda, *Big Data*, Inteligência Artificial, Agricultura 5.0 e as plataformas 5G e 6G. A análise de Jabbour (2021) sugere que tais iniciativas reforçaram substancialmente o papel da China no comércio internacional.

Dessa maneira, partimos do pressuposto de que a conhecida "tríade econômica" está perdendo posição para países asiáticos, com destaque para a China,

num dinâmico processo de reconfiguração do comércio internacional. Esta transformação no cenário geoeconômico mundial será detalhada no tópico subsequente, por meio da análise empírica da dinâmica produtiva de Mato Grosso do Sul. Objetivamos compreender em que medida o reposicionamento da ordem geoeconômica global se manifesta na estrutura produtiva estadual, a partir do exame da aquisição de insumos fundamentais para o processo produtivo local, sendo eles: 1) Adubos (exceto os do grupo 272)⁴; 2) Máquinas em geral e equipamentos industriais e peças de máquinas, n.e.p., e peças de máquinas, n.e.p.; 3) Fios Têxteis, tecidos, artigos confeccionados, n.e.p. e produtos relacionados; 4) Máquinas e equipamentos de geração de energia, 5) Máquinas e aparelhos especializados para determinadas indústrias. Serão investigadas as mudanças no comércio exterior desses produtos no período de 1997 a 2024.

Balança comercial de Mato Grosso do Sul durante o início do século XXI

Ao passo que o desenvolvimento do complexo industrial na região Sudeste⁵, as demais regiões do país exerceram papel secundário, os “arquipélagos econômicos”⁶. Na região Centro-Oeste, onde se localiza o estado de Mato Grosso do Sul, foi criada uma estrutura produtiva voltada ao abastecimento de proteínas animais e grãos, destinados ao consumo nos grandes centros urbanos que surgiram em função do desenvolvimento industrial.

A formação territorial e econômica de Mato Grosso do Sul influencia sua posição nas CGVs. A estrutura produtiva do estado de Mato Grosso do Sul é caracterizada pela produção e exportações de bens primários, como aponta Lamoso (2013; 2018).

O estado passou a exercer protagonismo na produção de *commodities* durante o início do século XXI, por meio de estímulos internos (incentivos governamentais para o setor privado direcionado à produção para exportação) e externos (demanda crescente do mercado oriental por *commodities*), conforme Lamoso (2011).

⁴ Refere-se especificamente a fertilizantes já industrializados, excluindo as matérias-primas brutas, classificadas no grupo 272. Isso inclui produtos processados e prontos para uso agrícola.

⁵ Para melhor entender as raízes do processo de concentração da atividade industrial na região sudeste, recomendamos consultar: (Cano, 2007).

⁶ Para melhor entender o conceito, recomendamos consultar: (Goldenstein e Seabra, 1982).

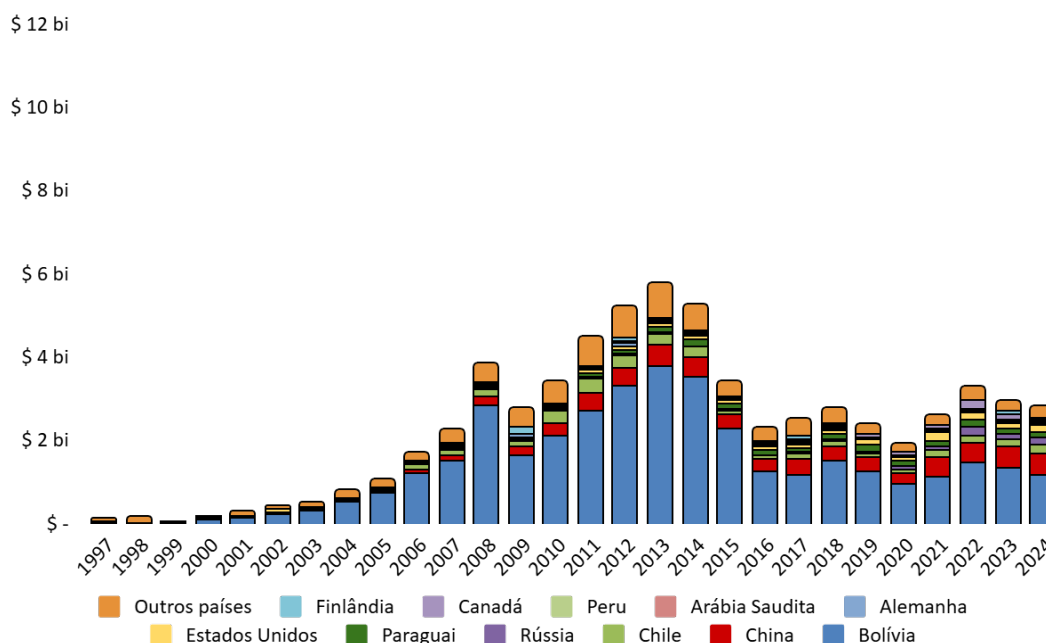
Missio e Rivas (2019), ao investigarem aspectos da formação econômica de Mato Grosso do Sul, concluem que o desenvolvimento econômico e produtivo do estado ocorre por meio de demandas externas, na posição de fornecedor essencialmente de matérias-primas alimentares, como eles próprios argumentam ao se referirem ao estado como um "celeiro".

A especialização agroindustrial de Mato Grosso do Sul, fundamentada em vantagens comparativas ambientais e investimentos em tecnologia, tem suas raízes na competitividade instituída pelo II PND nos anos 1970, conforme Abreu (2001), quando foram criadas as bases estruturantes da infraestrutura local, alinhando-se à análise de Belluzzo, Frischtak e Laplane (2014) sobre territórios produtores de *commodities*.

De modo geral, a análise do período revela a transformação e inserção do estado no comércio internacional, como é possível observar nos gráficos 1 e 2. Nas importações, o estado estabeleceu parcerias com 127 países diferentes. Houve um salto de 46 países em 1997, totalizando \$ 128.914.689,00, para 82 países em 2024, atingindo \$ 2.808.230.320,00. Durante o período, o estado importou um total de \$ 65.266.559.440,00. As exportações seguiram tendências similares, alcançando 210 países. Em 1997, as exportações totalizaram \$ 383.396.566,00 para 49 nações, enquanto em 2024, esse valor chegou a \$ 9.986.348.500,00, com 153 países de destino. Ao todo foram exportados \$ 97.911.971.742,00 durante o recorte temporal.

Para dimensionar o grau de internacionalização da economia sul-mato-grossense no início do século XXI, esta análise recorre a quadros e gráficos. Os Gráficos 1 e 2 ilustram, respectivamente, a dinâmica das importações e exportações, permitindo observar o desempenho da balança comercial e os principais parceiros do estado. Já os Quadros 1 e 2 detalham os principais produtos, fornecedores e destinos, com 2024 como referência.

Gráfico 1 - Mato Grosso do Sul - Desempenho dos principais parceiros de importações de 1997 a 2024.



O protagonismo da Bolívia nas importações estaduais é dado principalmente pelo gás natural e manufaturados, que correspondem a aproximadamente 70% de todo o valor importado pelo estado. No entanto, cabe uma ressalva analítica: o estado atua como porta de entrada e corredor desse gás para o principal mercado consumidor, que é a região Sudeste, especificamente a indústria paulista⁷. Ao todo, o país exportou 42 produtos ao estado, com o gás correspondendo a aproximadamente 95% dos valores.

⁷ Informações complementares estão disponíveis em:
<https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=453886&ori=1>.

Quadro 1 - Mato Grosso do Sul - Principais produtos importados e fornecedores em \$.

Países	CUCI Divisão	1997	2008	2013	2024
Bolívia	Gás, natural e manufaturado	-	2.856.377.460	3.760.388.732	1.166.072.235
China	Fios Têxteis, tecidos, artigos confeccionados, n.e.p. e produtos relacionados	65.100	125.789.683	246.987.934	217.955.788
Chile	Metais não-ferrosos	-	180.596.798	249.723.949	177.661.212
Rússia	Petróleo, produtos petrolíferos e materiais relacionados	-	-	-	85.654.790
Rússia	Adbos (exceto os do grupo 272)	-	36.062.819	44.980.364	82.127.617
China	Máquinas e aparelhos elétricos, diversos, suas partes e peças, n.e.p.	12.841	1.206.062	13.689.183	63.473.916
Origem	Outros Produtos	128.836.748	665.263.251	1.442.198.557	1.015.284.762
Total	Valores	128.914.689	3.865.296.073	5.757.968.719	2.808.230.320

Fonte: MCTI, 2025.
Organizado pelos autores.

A análise das importações é crucial para compreender a dinâmica produtiva estadual. Isso porque os parceiros comerciais externos desempenham um duplo papel: são fornecedores de insumos e bens estratégicos e, ao mesmo tempo, compradores da produção local, atuando como vetores de dinamização do tecido produtivo.

A China ampliou significativamente sua participação nas importações do estado, com uma pauta diversificada que abrange 53 produtos da Divisão CUCI. Destacam-se, em ordem de relevância: Fios Têxteis, tecidos, artigos confeccionados, n.e.p. e produtos relacionados, que respondem por aproximadamente 43% do total; seguidos por Máquinas e aparelhos elétricos, diversos, suas partes e peças, n.e.p.

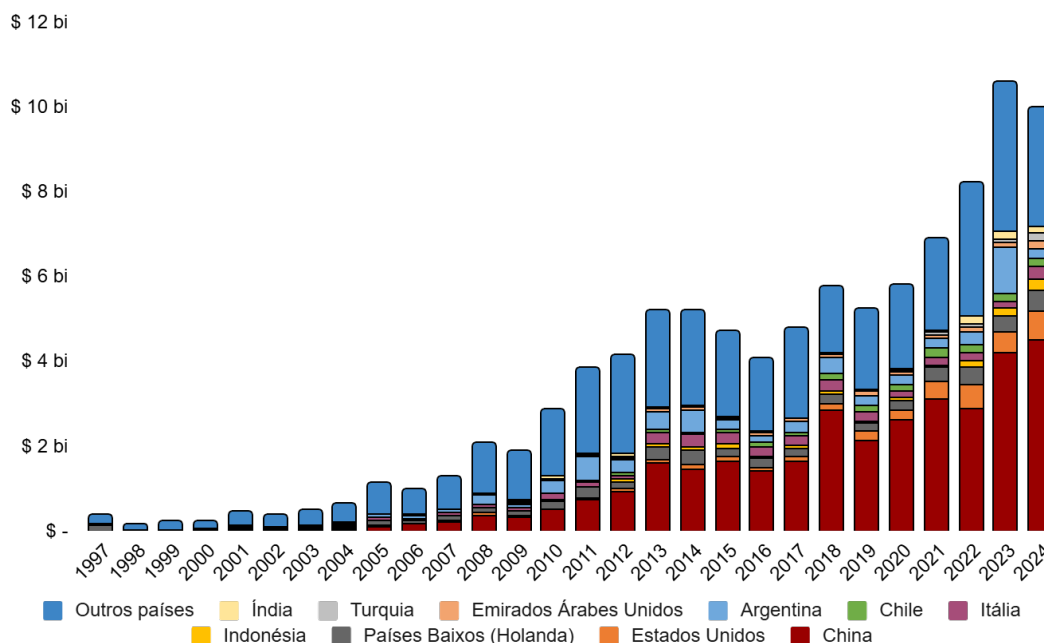
(cerca de 12%); Ferro e aço (próximo de 10%); Adubos (exceto os do grupo 272) (cerca de 8%); Máquinas em geral e equipamentos industriais, n.e.p., e peças de máquinas, n.e.p. (aproximadamente 7%); Artigos de vestuário e seus acessórios (4%) e Produtos metálicos, n.e.p. (4%), além de diversos outros itens que conquistaram espaço no mercado sul-mato-grossense.

As importações provenientes do Chile abrangem 32 produtos, sendo aproximadamente 90% do valor composto por metais não ferrosos, tais como alumínio; cobre (utilizado no processamento industrial de ligas metálicas, produtos químicos e outros bens manufaturados); calcário (usado em corretivos de solo e cimento); chumbo; fosfato e potássio (estes dois últimos, matérias-primas para fertilizantes).

De forma análoga, as importações originárias da Rússia totalizaram 21 produtos, com uma pauta altamente concentrada em petróleo (51%) e adubos (49%). Ambos os itens são insumos críticos diretamente vinculados à produção local, atuando, respectivamente, como fonte energética e insumo agrícola.

Outro fator relevante para compreender os impactos das transformações geoeconômicas no território sul-mato-grossense é analisar a composição das exportações do estado, a fim de avaliar em que medida a demanda externa induziu uma transformação produtiva. Embora o objetivo deste artigo seja uma análise qualitativa da origem dos produtos críticos para a estrutura produtiva estadual ao longo do século XXI, é necessário pontuar como o estado se posiciona no comércio internacional.

Gráfico 2 - Mato Grosso do Sul - Desempenho dos principais parceiros de exportações de 1997 a 2024.



Fonte: MCTI, 2025.
Organizado pelos autores.

A internacionalização produtiva do estado apresenta uma trajetória de expansão constante desde o início do século XXI, marcada por crescimento gradativo, mesmo com oscilações pontuais (2009, 2015, 2016, 2019, 2024) que foram sempre superadas no ano seguinte. Em paralelo à maior inserção da produção estadual no comércio exterior, nota-se a crescente demanda chinesa pelos produtos sul-mato-grossense, o que consolidou a China como principal parceira comercial do estado, inclusive nas exportações.

Quadro 2 - Mato Grosso do Sul - Principais produtos exportados e destinos em \$.

Países	CUCI Divisão	1997	2008	2013	2024
China	Sementes e frutos oleaginosos	0	330.736.641	1.017.111.288	2.471.048.434
China	Celulose e resíduos de papel	0	0	444.900.602	1.470.373.132
China	Carne e preparações de carne	552.700	0	49.446.229	373.682.037
Países Baixos (Holanda)	Celulose e resíduos de papel	0	0	164.116.235	239.391.248
Estados Unidos	Carne e preparações de carne	0	149.129	66.756	235.497.532
Itália	Celulose e resíduos de papel	0	0	208.945.512	225.445.398
Origem	Outros Produtos	382.843.866	1.760.591.043	3.340.288.057	4.970.910.719
Total	Valores	383.396.566	2.091.476.813	5.224.874.679	9.986.348.500

Fonte: MCTI, 2025.
Organizado pelos autores.

Os dados sobre os principais produtos exportados refletem uma maior internacionalização da produção estadual, com destaque para produtos relacionados aos aspectos ambientais do território. Estes produtos reforçam a posição de Mato Grosso do Sul como celeiro, porém agora atuando como *player* global, impulsionado pela expansão da demanda chinesa a partir do início do século XXI.

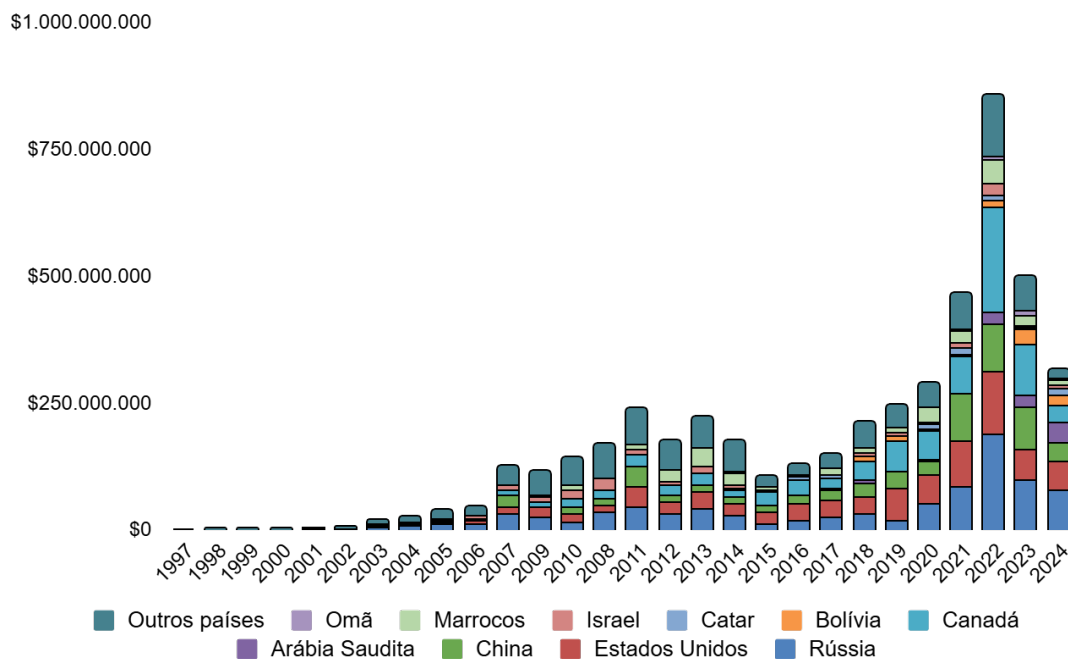
Especificamente em relação à China, esta tornou-se a principal demandante dos produtos sul-mato-grossense, com uma expansão acentuada a partir da segunda década do século. As dinâmicas de exportação de carnes e grãos estão relacionadas ao acúmulo histórico e produtivo do uso do território, cujas atividades se expandiram ao longo do tempo, mediante incentivos governamentais, como apontam Lamoso (2011) e Silva (2016). Já a celulose, que se desenvolveu no início do século, está associada às vantagens comparativas forjadas diante da crescente demanda externa e à organização territorial na porção leste do estado.

As transformações geoeconômicas dos insumos elementares para a dinâmica produtiva estadual

A dinâmica comercial exterior do estado transformou-se em múltiplas dimensões (valores, origem e destino dos fluxos). Tais impulsos externos reconfiguraram sua estrutura produtiva. Neste contexto, o artigo visa identificar a proveniência dos insumos críticos para a produção estadual, analisando a influência das transformações geoeconômicas do início do século XXI sobre a pauta importadora sul-mato-grossense.

A Divisão CUCI corresponde, no total, a 67 modalidades de produtos. A primeira categoria que analisaremos refere-se aos Adubos (exceto os do grupo 272). Consideramos esta categoria relevante devido ao seu papel na produção agrícola estadual. Como podemos observar no Quadro 2, esse insumo é fundamental para a produção de grãos no estado.

Gráfico 3 - Mato Grosso do Sul - Importações de Adubos (exceto os do grupo 272)



Fonte: MCTI, 2025.
Organizado pelos autores.

A análise histórica revela uma trajetória de expansão no valor das importações de adubos pelo estado. A Rússia mantém a posição de principal
Andrade Filho & Farias, *Do Ocidente para o Oriente: a geoeconomia e as relações comerciais de Mato Grosso do Sul-Brasil (1997-2024)*
DOI: 10.51308/continentes.v1i29.825

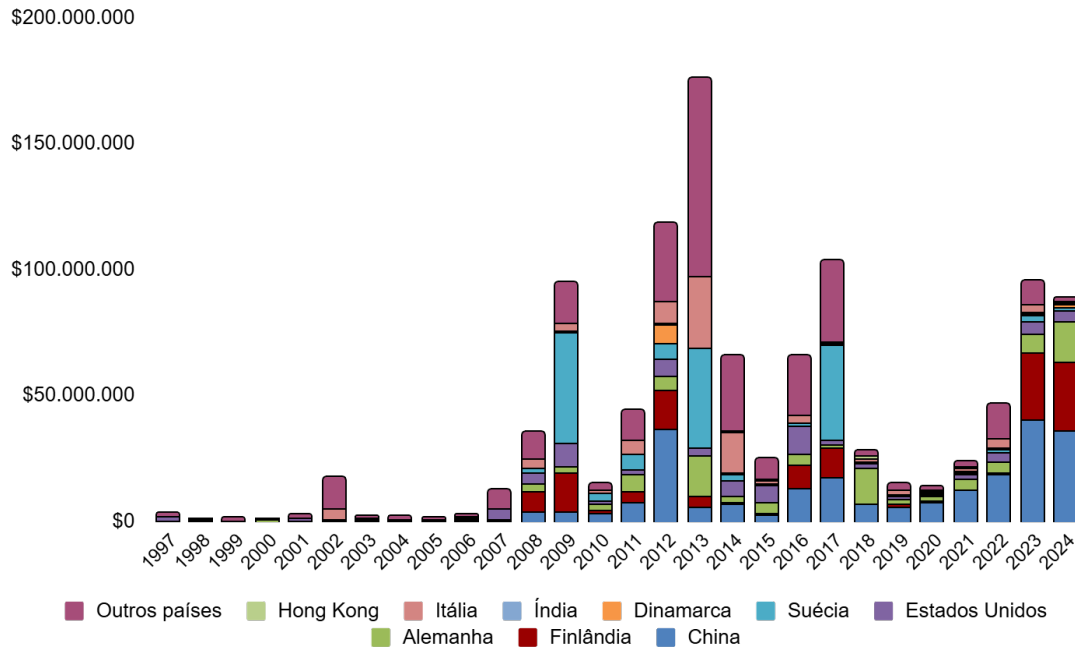
fornecedor, embora os Estados Unidos tenham figurado à frente, nos períodos de 2015 a 2017 e, posteriormente, em 2019 e 2020. O Canadá manteve-se como um importante fornecedor ao longo do período, ainda que com oscilações quantitativas. A China, por sua vez, ingressou nesse mercado apenas em 2005, ascendendo rapidamente à condição de fornecedor estratégico. A partir do início da segunda década do século XXI, observa-se a entrada de novos atores, como Arábia Saudita, Bolívia, Catar e Omã. Essa diversificação da origem dos insumos acompanha a expansão do agronegócio exportador estadual.

Outro indicador que consideramos relevante observar é o das "Máquinas em geral e equipamentos industriais, n.e.p., e peças de máquinas, n.e.p.". Esta categoria engloba máquinas de uso transversal e componentes mecânicos que, por sua natureza polivalente, não possuem uma classificação setorial específica, daí o termo "n.e.p." (não especificados anteriormente).

Tecnicamente, esta divisão abrange bens de capital essenciais para infraestrutura produtiva, incluindo equipamentos de troca térmica, bombas de líquidos, compressores de ar, sistemas de filtragem, aparelhos de movimentação de carga (como guindastes e empilhadeiras) e itens fundamentais de engenharia mecânica, como válvulas, rolamentos e juntas de vedação.

Macroeconomicamente, constitui um indicador crítico da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), refletindo a densidade tecnológica e a capacidade de manutenção e modernização do parque industrial.

Gráfico 4 - Mato Grosso do Sul - Importação de Máquinas em geral e equipamentos industriais, n.e.p., e peças de máquinas, n.e.p.



Fonte: MCTI, 2025.
Organizado pelos autores.

Os dados revelam uma significativa volatilidade no comércio desses equipamentos. O gráfico mostra um mercado que saltou de patamares próximos à zero, antes de 2007 (exceto 2002), para picos superiores a US\$ 150 milhões em momentos de expansão industrial, entre 2012 e 2013. Essa flutuação é característica de setores de bens de capital, cujas compras estão atreladas a grandes projetos de investimento ou a ciclos de renovação de parques fabris.

O gráfico evidencia que, a partir de 2008, ocorreu uma mudança geoeconômica significativa no fornecimento e no tecido produtivo estadual, com o estabelecimento de maior aquisição de bens industriais pelo estado.

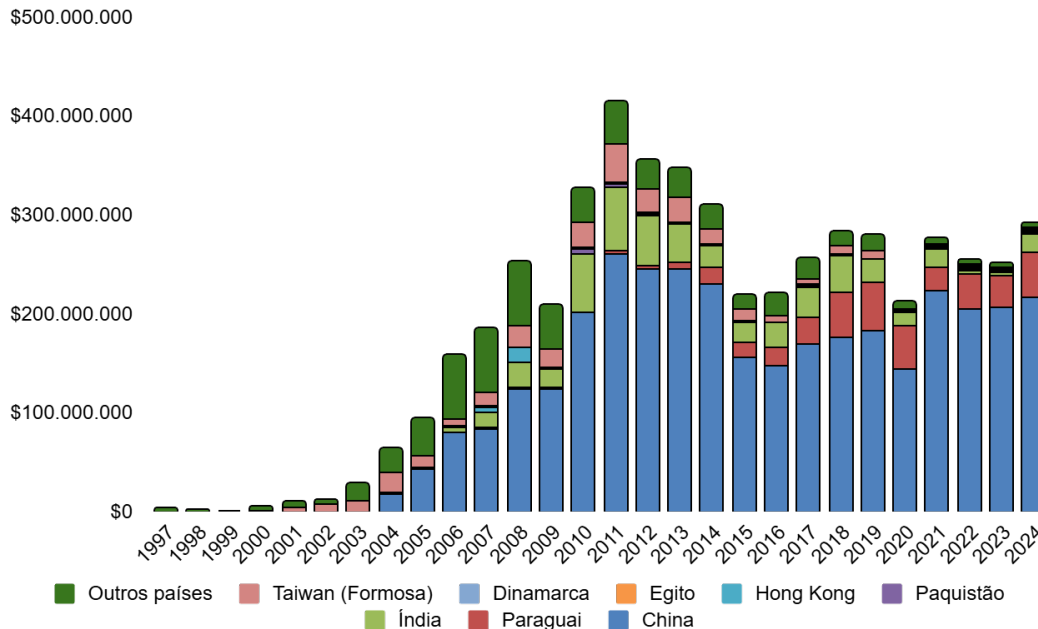
Os picos de importação, como os de 2013 e 2023-2024, evidenciam a dependência externa de Mato Grosso do Sul em relação a componentes transversais essenciais, o que acarreta em uma pressão sobre as divisas em períodos de expansão. Simultaneamente, de forma dialética, esse mesmo movimento de aquisição de bens de

capital pode ser um indicador do processo de industrialização e modernização do parque produtivo estadual⁸.

Quanto à importação de Fios Têxteis, tecidos, artigos confeccionados, n.e.p. e produtos relacionados, tem-se mostrado significativa para o estado desde o início do século. Esse fluxo acompanha a expansão da atividade produtiva e do número de empresas dedicadas à fabricação de produtos têxteis e de artigos do vestuário e acessórios⁹.

Esta divisão corresponde à etapa de transformação industrial da cadeia têxtil, posicionando-se entre a produção de fibras brutas e a confecção final de vestuário. Do ponto de vista técnico, ela engloba dois grandes processos: o beneficiamento de fios e tecidos (de algodão, sintéticos ou mistos) e a fabricação de artigos confeccionados não vestuários, tais como roupas de cama, mesa e banho, tapetes, cordoalhas e tecidos técnicos para uso industrial.

Gráfico 5 - Mato Grosso do Sul - Importação de Fios Têxteis, tecidos, artigos confeccionados, n.e.p. e produtos relacionados



Fonte: MCTI, 2025. Organizado pelos autores.

⁸ Em trabalhos futuros, fruto da tese em desenvolvimento, pretendemos investigar a existência desse fenômeno no território sul-mato-grossense.

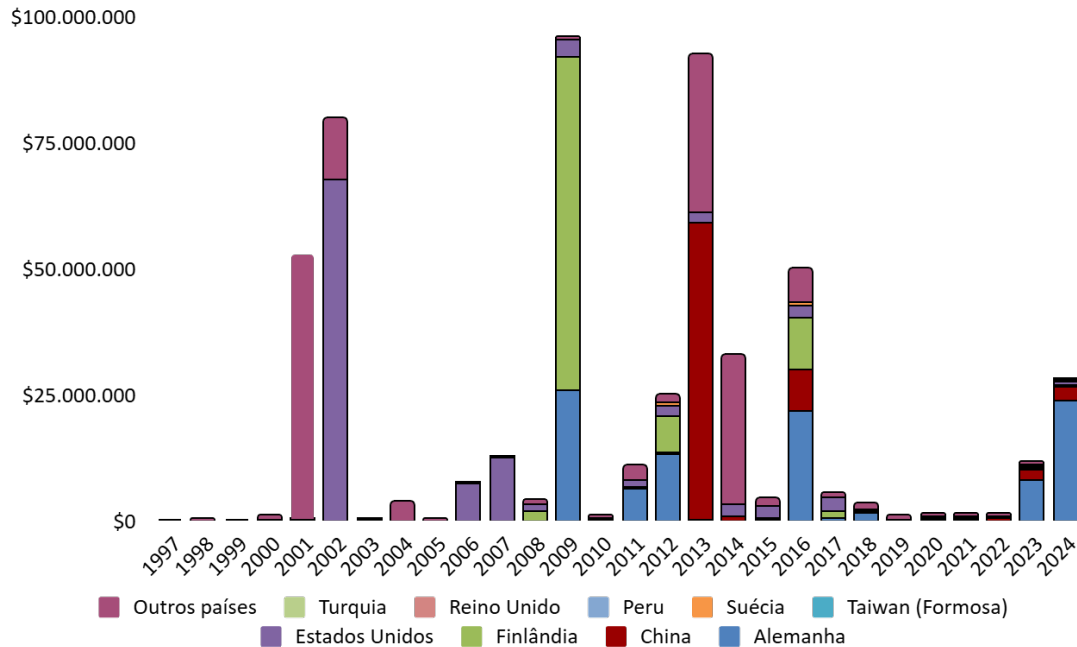
⁹ Conforme aponta a pesquisa o Cadastro Central de Empresas do IBGE (2025).

A evolução das importações de Fios, Tecidos e Artigos Confeccionados entre 1997 e 2024 revela uma transformação estrutural na inserção estadual nas CGVs do setor têxtil. No período inicial, entre 1997 e 2003, os volumes mantiveram-se em patamares reduzidos, geralmente abaixo de US\$ 50 milhões. Contudo, a partir de 2004, iniciou-se um ciclo de expansão acelerada que culminou no pico histórico de 2011, quando as importações ultrapassaram a marca de US\$ 400 milhões. A análise da origem desses produtos evidencia a consolidação da China como fornecedor hegemônico, representando a base majoritária do volume importado desde meados da década de 2000 até 2024. Paralelamente à dominância asiática, o gráfico destaca a ascensão de fornecedores regionais, com ênfase no Paraguai, que passou a ocupar um espaço relevante na pauta a partir de 2017.

Outro produto que consideramos crucial para a compreensão da dinâmica produtiva estadual são as importações de máquinas e equipamentos de geração de energia que veremos a seguir. O insumo energético constitui a base do processo produtivo industrial, sendo sua disponibilidade contínua e de qualidade fundamental para o desenvolvimento das forças produtivas.

Esta divisão, que abrange os sistemas destinados à conversão de energia primária em potência mecânica ou elétrica, representa um dos segmentos de maior complexidade tecnológica e valor agregado da pauta comercial. Tecnicamente, engloba caldeiras a vapor, turbinas (hidráulicas, a vapor, a gás e eólicas), motores de pistão de combustão interna e motores de reação (como turbinas de aviação). Esses itens funcionam como os "motores" da atividade econômica, responsáveis por fornecer força motriz para a indústria, o transporte e a rede elétrica.

Gráfico 6 - Mato Grosso do Sul - Importação de Máquinas e Equipamentos de Geração de Energia



Fonte: MCTI, 2025.
Organizado pelos autores.

Análise das importações sul-mato-grossense de Máquinas e Equipamentos de Geração de Energia revela um padrão esporádico e volátil, com picos históricos em 2002, 2009 e 2013 (anos em que a importação foi acima de US\$ 75 milhões).

A geoeconomia dos dados revela uma nítida transição nos principais fornecedores ao longo do tempo. O período de 2002 foi liderado pelos Estados Unidos. Em 2009, as potências europeias, notadamente Finlândia e Alemanha, dominaram as importações. Já em 2013, a China assumiu a posição de maior fornecedor¹⁰. O ano de 2016 caracterizou-se por um equilíbrio entre Alemanha, China e Finlândia, enquanto o ciclo mais recente, de 2024, é novamente hegemonizado pela Alemanha.

¹⁰ De acordo com Andrade (2016), coincidiu com o amadurecimento das políticas de desenvolvimento industrial na região leste do estado, com destaque para o município de Três Lagoas.

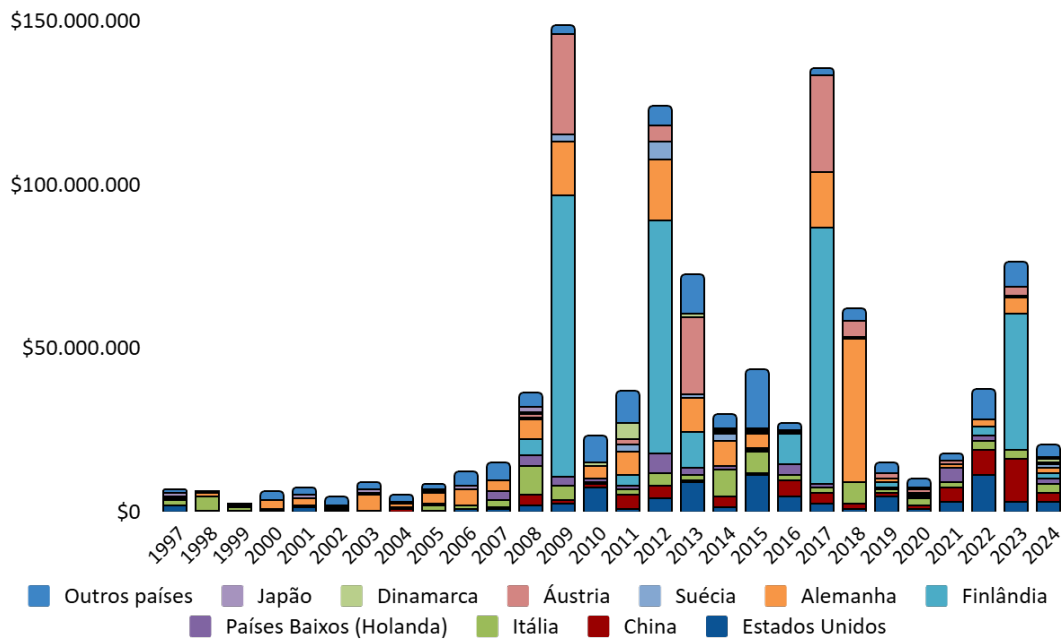
A participação significativa de importações em momentos de expansão da capacidade produtiva evidencia a ausência de uma base industrial nacional neste segmento estratégico¹¹, consolidando um padrão de transferência de divisas.

Por fim, mas não menos importante, investigaremos o desempenho das importações de Máquinas e Aparelhos Especializados para Indústrias Específicas. Esses produtos são considerados "trampolins" do tecido produtivo, pois refletem o potencial de agregação de valor aos produtos fabricados localmente a partir de seu beneficiamento industrial.

Tecnicamente, esta divisão engloba o maquinário de ponta de diversas cadeias produtivas, como a agrícola (colheitadeiras, semeadoras), a da construção civil (escavadeiras, tratores), a têxtil (teares), a de papel e gráfica e a de processamento de alimentos. Por se tratar de bens de capital de alta especificidade, esses equipamentos constituem um dos principais termômetros da modernização setorial, representando investimentos diretos em capacidade produtiva e inovação tecnológica em nichos econômicos vitais.

¹¹ Para um aprofundamento no tema e debate de qualidade sobre o setor elétrico brasileiro, recomendamos o: <https://infopetro.wordpress.com/category/energia-eletrica/>.

Gráfico 7 - Mato Grosso do Sul - Importação de Máquinas e Aparelhos Especializados para Determinadas Indústrias



Fonte: MCTI, 2025.
Organizado pelos autores.

A trajetória das importações desta divisão é marcada por volatilidade extrema e por ciclos de investimento massivos em setores específicos. Entre 1997 e 2007, o volume manteve-se em patamares baixos e estáveis, geralmente abaixo de US\$ 25 milhões. A partir de 2008, o cenário altera-se drasticamente, com três picos históricos proeminentes: 2009 (quase US\$ 150 milhões), 2012 (superando US\$ 120 milhões) e 2017 (próximo aos US\$ 140 milhões). Após uma queda acentuada durante a pandemia (2020), observa-se uma retomada em 2023, com o volume em torno de US\$ 75 milhões, seguida de nova retração em 2024.

A Finlândia e a Áustria emergem como protagonistas dos maiores picos (2009 e 2017), sugerindo a importação de grandes complexos industriais, possivelmente para os setores de papel/celulose ou mineração, onde esses países são líderes em bens de capital. A Alemanha mantém uma presença constante e equilibrada como fornecedora regular de tecnologia de precisão. Recentemente (2022-2024), nota-se uma leve

ascensão da China e dos Estados Unidos na pauta, sinalizando o início de uma diversificação de fornecedores.

Em suma, a investigação empírica demonstra que a pauta de importações de Mato Grosso do Sul sofreu uma reconfiguração geográfica profunda e setorialmente assimétrica entre 1997 e 2024. A análise dos cinco grupos de insumos estratégicos revela que a China consolidou-se como fornecedor hegemônico de manufaturas industriais complexas (máquinas gerais, têxteis), processo iniciado em meados dos anos 2000. Contudo, em segmentos de altíssima tecnologia, como geração de energia e maquinário especializado, a predominância ainda é de potências tradicionais (Alemanha, EUA, Finlândia), embora com crescente penetração chinesa. O mercado de fertilizantes, por sua vez, mostra uma diversificação de fornecedores, com a Rússia mantendo liderança.

Essa transformação evidencia que a reestruturação produtiva do estado, voltada para o agronegócio exportador, é simultaneamente vetor e resultado da nova ordem geoeconômica. A dependência de insumos externos intensificou-se, mas sua origem migrou progressivamente para a Ásia, espelhando a própria transição do centro dinâmico da economia global. Portanto, a estrutura produtiva sul-mato-grossense materializa, em sua base técnica, o deslocamento do eixo comercial mundial.

Conclusões

Mato Grosso do Sul passou por uma significativa internacionalização econômica no primeiro quarto do século XXI. Sua inserção nas CGVs dá-se predominantemente pela exportação de produtos primários, oriundos de vantagens comparativas históricas do território, como a agroindústria e a mineração.

Paralelamente, as importações estaduais também se transformaram. A análise setorial proposta revela que, embora bens de alta tecnologia ainda sejam majoritariamente adquiridos de polos tradicionais (Estados Unidos e União Europeia), observa-se a ascensão crescente de economias emergentes, notadamente a China.

Essa mudança é um reflexo das novas realidades geopolíticas e econômicas, que influenciam as decisões de comércio exterior e a competitividade das indústrias locais.

O artigo também revela que a relação comercial entre Mato Grosso do Sul e a China configura uma crescente dependência relativa e estratégica, marcada menos por uma subordinação passiva e mais por uma interdependência assimétrica que abre janelas de oportunidade. A análise empírica revela um realinhamento geoeconômico, onde o estado se especializou como exportador global de *commodities* agrícolas ao mesmo tempo em que passou a adquirir da China uma parcela crescente dos insumos industriais, bens de capital e manufaturas necessários para sustentar sua produção. Esta relação não constitui uma mera dependência, mas um intercâmbio simbiótico que reflete posições complementares na divisão internacional do trabalho.

A consolidação deste eixo comercial oferece, portanto, uma plataforma estável e previsível para o desenvolvimento estadual. O desafio estratégico que se coloca é o de maximizar os benefícios desta inserção global. Para tanto, é fundamental que os agentes políticos e econômicos locais aproveitem a solidez desta parceria e os recursos que ela gera para fomentar ganhos de produtividade, investir em infraestrutura logística e promover a agregação de valor *in loco*. Desta forma, a relação com a China pode transcender sua base atual e transformar-se em um alicerce para um projeto endógeno de desenvolvimento, que diversifique a economia e fortaleça a autonomia tecnológica do estado dentro do cenário global.

Este trabalho buscou analisar os impactos das transformações geoeconômicas contemporâneas no território de Mato Grosso do Sul, tomando o comércio exterior como fio condutor para compreender sua reconfiguração produtiva no século XXI. A partir dos resultados, abrem-se novas perspectivas de pesquisas com a realização de estudos que aprofundem a análise das cadeias globais de valor específicas (como a da soja ou celulose) para mapear pontos de vulnerabilidade e dependência tecnológica; investiguem a governança e a capacidade de barganha dos atores locais (públicos e privados) na relação com a China; avaliem, mediante cenários prospectivos, estratégias de diversificação de mercados e de agregação de valor local que possam transformar a

atual interdependência assimétrica em um vetor de desenvolvimento estrutural, entre outros temas latentes por investigação que se abrem a partir da investigação presente.

Esta proposta de investigação surgiu no âmbito do Grupo de Pesquisa “Goeconomia Verde: Cadeias Agroalimentares e relações Brasil-China”. Alinhando-se à agenda do grupo, que examina os desafios e possibilidades do relacionamento bilateral, este trabalho buscou analisar os impactos das transformações geoeconômicas contemporâneas no território de Mato Grosso do Sul, tomando o comércio exterior como fio condutor para compreender sua reconfiguração produtiva no século XXI¹².

Referências

ABREU, Silvana de. **Planejamento governamental: a SUDECO no “Espaço Mato-Grossense”. Contexto, propósitos e contradições**. 2001. Doutorado em Geografia Humana - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ANDERSON, Perry. **A política externa norte-americana e seus teóricos**. São Paulo: Boitempo, 2015. 223 p. Tradução de: Georges Kormikiaris.

ANDRADE, Vinícius de Souza. O setor de celulose e o papel de Três Lagoas MS: Inserção no mercado internacional e transformações logísticas. In: LAMOSO, Lisandra Pereira (org.). **Relações Internacionais de Mato Grosso do Sul: comércio, investimentos e fronteira. Comércio, investimentos e fronteira**. Curitiba: Íthala, 2016. p. 93-118

ARAÚJO, Caroline Giusti; DIEGUES, Antônio Carlos. Padrões de inserção externa nas cadeias globais de valor: uma análise de Brasil e China a partir da sofisticação tecnológica do valor adicionado nas exportações. In: IV ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA INDUSTRIAL E INOVAÇÃO, 2019, Campinas. **Blucher Engineering Proceedings**. Campinas: Editora Blucher, 2019. p. 424–429.

BAUMANN, Renato. A GEOECONOMIA E A ESTRUTURA PRODUTIVA BRASILEIRA. **Textos para discussão**, [s. l.], n. Ipea, v. 3078, p. 48, 2025.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, **Comércio e Serviços (MDIC). Comex Stat: Estatísticas de Comércio Exterior**. Brasília, 2025. Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>.

¹² Utilizamos as ferramentas Gemini e NotebookLM exclusivamente para a revisão de linguagem (gramática, concordância e pontuação) na fase final de redação. Declaramos responsabilidade integral pela veracidade, precisão e integridade de todo o conteúdo apresentado, conforme a Portaria CNPq nº 2.664/2026.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do Cadastro Central de Empresas - CEMPRE**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: www.ibge.gov.br.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello; FRISCHTAK, Cláudio Roberto; LAPLANE, Mariano (org.). **Produção de Commodities e Desenvolvimento Econômico**. Campinas: Unicamp. Instituto de Economia, 2014. p. 126.

CANO, Wilson. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. 5. ed. – Campinas, SP: Unicamp. IE, (1975) 2007. p. 308.

FERREIRA, Jonathan Dias; SCHNEIDER, Mirian Beatriz. As cadeias globais de valor e a inserção da indústria brasileira. **Revista Tecnologia e Sociedade**, [s. l.], v. 11, n. 23, 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

GOLDENSTEIN, Léa; SEABRA, Manoel. Divisão Territorial do Trabalho e Nova Regionalização. **Geography Department, University Of São Paulo**, [s. l.], p. 21–47, 1982.

JABBOUR, Elias Marco Khalil. **Projeto nacional, desenvolvimento e socialismo de mercado na China**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2012.

JABOUR, Elias Marco Khalil. **China socialismo e desenvolvimento sete décadas depois**. 2. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2021. 277 p.

KRUGMAN, Paul. **A consciência de um liberal**. São Paulo: Record, 2010. 364 p.

LENIN, Vladimir Ilich. O IMPERIALISMO, FASE SUPERIOR DO CAPITALISMO. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 144–224, 2012.

LAMOSO, Lisandra Pereira. Comércio exterior e estruturas produtivas no Mato Grosso do Sul*. **Geosul**, [s. l.], v. 26, n. 51, p. 129–144, 2011.

LAMOSO, Lisandra Pereira. Indústria, desindustrialização e território. **Boletim Campineiro de Geografia**, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 408–429, 2013.

LAMOSO, Lisandra Pereira. SPATIAL PRODUCTIVITY AND COMMODITY, MATO GROSSO DO SUL - BRAZIL. **Mercator**, [s. l.], v. 17, n. 17012, p. 1–13, 2018.

MAMIGONIAN, Armem. Kondratieff, ciclos médios e organização do espaço. **Geosul: Planejamento Territorial, Florianópolis**, v. 14, n. 28, p. 152–157, dez. 1999.

MARCATO, Marília Bassetti; OLIVEIRA, Pedro Dias de. DESINDUSTRIALIZAÇÃO E CADEIAS GLOBAIS DE VALOR: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CASO BRASILEIRO. In: ARAUJO, Eliane; FEIJÓ, Carmem (org.). **Industrialização e desindustrialização no Brasil: Teorias, evidências e implicações de política**. 1. ed. Curitiba, PR: Appris Editora, 2023. p. 222–257.

MARTINS, Michelle Márcia Viana; NONNENBERG, Marcelo José Braga. Geoeconomia e protecionismo: novas configurações do comércio internacional. **Texto para discussão**, [s. l.], v. 3091, n. Ipea, p. 1–44, 2025.

MISSIO, Fabricio José; RIVAS, Rozimare Marina Rodrigues. Aspectos da Formação Econômica de Mato Grosso do Sul. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 49, n. 3, p. 601–632, 2019.

STIGLITZ, Joseph E. **O mundo em queda livre: os Estados Unidos, o mercado livre e o naufrágio da economia mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 512 p.

STIGLITZ, Joseph E. **O grande abismo: sociedades desiguais e o que podemos fazer sobre isso**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2016. 416 p. Tradução de: Fernando Lopes.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. **A Globalização e os impasses do Neoliberalismo**. 2. ed. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1998. 252 p.

Data de Submissão: 28/06/2026

Data da Avaliação: 28/08/2026